

PRÁTICAS FILOSÓFICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM FILOSOFIA

Rodrigo Reis Lastra Cid
Graduando em filosofia/ UFOP

Resumo: Atualmente o ensino de Filosofia nas universidades tem seguido duas visões principais: a filosofia continental e a filosofia analítica. Cada uma dessas duas tradições diferem bastante em suas práticas filosófica e pedagógica. Meus objetivos neste artigo são: 1. mostrar as distinções entre as práticas cultivadas dentro das universidades pela filosofia continental e pela filosofia analítica; 2. indicar que há uma confusão na caracterização do que é filosofia analítica e que as críticas a ela dirigidas na verdade apontam para o positivismo lógico; 3. mostrar que as práticas analíticas são aquelas que consideramos como genuinamente filosóficas.

Palavras-Chave: Universidades, Prática Filosófica, Prática Pedagógica.

Abstract: These days philosophy teaching in universities follows two main views: the continental philosophy and the analytic philosophy. Each one of those traditions has very different philosophical and pedagogical practices. My objectives in this article are: 1. to show the distinctions between the practices that continental and analytical philosophies cultivated at the universities; 2. to indicate that there is a confusion at the characterization of what is analytic philosophy, and that the critics driven to it are in fact driven to logical positivism; 3. to show that the analytic practices are the ones we consider as genuinely philosophical.

Keywords: Universities, Philosophical Practice, Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO:

Atualmente há um problema sério para saber que práticas filosóficas e pedagógicas se devem adotar em filosofia. Esse mesmo problema dividiu a filosofia em duas facções: a filosofia analítica e a tradição continental, cada uma asserindo certas práticas como essenciais para o trabalho filosófico. Aos poucos, essas duas posições com relação à natureza da filosofia foram desenvolvendo práticas pedagógicas diferentes e foram se afastando, uma da outra, cada vez mais no que diz respeito ao embate de idéias. Daí ser interessante que saibamos as características principais de ambas as tradições e as críticas que cada uma delas faz à outra, para que possamos defender a tese de que a filosofia analítica é o que consideramos como *filosofia genuína*. E é isso que faremos agora.

CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO CONTINENTAL:

A chamada “tradição continental” da filosofia é composta por várias escolas de pensamento diferentes, tais como: a hermenêutica, a fenomenologia, o existencialismo e a escola de Frankfurt. Mas nosso enfoque principal aqui não será a história da filosofia continental ou a história da filosofia analítica, pois estas podem gerar uma série de controvérsias sobre se um filósofo é ou não continental ou analítico. Atentaremos mais para as práticas costumeiramente utilizadas por essas tradições no ensino de filosofia nas universidades.

A preocupação principal da tradição continental é escrever a história da filosofia de modo sistemático e argumentativo, pressupondo sempre que os argumentos dos filósofos não podem ser compreendidos sem antes se ter uma compreensão total da obra desses filósofos e de seu respectivo tempo, cultura e sociedade. Ela também oferece reconstruções hermenêuticas de fatos históricos, ou seja, oferece a reconstrução de um fato a partir do sentido que o próprio fato supostamente tem para as pessoas. A crença continental é de que a filosofia deve ser feita olhando-se para o passado com os ares do presente. Daí, muito do trabalho continental – se não todo – é voltado aos estudos históricos e às práticas de interpretação, tradução e comentários.

Isso parece advir de um niilismo com relação ao conhecimento, da visão romântica do filósofo como um gênio e da concepção da filosofia como prática artística-criativa. Esta concepção nos faz pensar os filósofos como gênios, embora poucos tenham uma criatividade artística internacionalmente reconhecida. Isso advém da aceitação do dualismo kantiano entre razão e natureza, e da visão de que a arte dá a harmonia entre os dois, permitindo o estado de liberdade. A partir da aceitação dessas teses, os filósofos continentais caíram num niilismo total com relação ao conhecimento e iniciaram uma tentativa de priorizar ou igualar a sabedoria a ele. O que levou muitos a afirmar que o filósofo deveria ter o mesmo poder estético do poeta. Isso, posterior-

mente, levou muitos continentais pós-modernos a quererem formar uma “mitologia da razão”, que funcionaria como uma ideologia política crítica e emancipatória. Assim, eles pensam que o poder criativo da arte aliado a uma mitologia da razão traria uma vida política transformada.

O niilismo com relação ao conhecimento também os levou a um pensamento anti-científico e a asserir muitos papéis diferentes, embora semelhantes, para a filosofia, sempre a conectando com um modo de viver. Então, quando os continentais falam que a filosofia deve abandonar suas pretensões de racionalidade, eles querem dizer que a filosofia deve abandonar suas pretensões ao conhecimento e passar a ter uma função emancipatória (com relação à sabedoria). O filósofo continental acredita –com razão– que o cientificismo dogmatiza a filosofia e acaba por tomar uma radical posição anti-científica – sem boas razões.

O que eles afirmam, cada um à sua maneira, é que a humanidade está em estado de crise¹ e que a filosofia deve ser uma crítica das práticas sociais atuais, a partir de um retorno ao passado e à tradição, com um olhar contemporâneo e com a função de emancipar o ser humano dessas práticas injustas. Entretanto, como também tinham assumido uma postura anti-científica, eles restringiram a si mesmos de utilizarem as técnicas e resultados científicos, e começaram a utilizar uma escrita obscura, pois rejeitam as explicações das ciências naturais e fazem referência a explicações ocultas ditas de ordem superior.

FILOSOFIA CONTINENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS:

Todas essas características têm sérias implicações quando falamos sobre o ensino de filosofia em universidades (ou mesmo em escolas). A postura anti-científica, a popularização da tese do gênio (“só o gênio consegue fazer filosofia”), o niilismo com relação ao conhecimento e a dedicação à interpretação – ou melhor, reconstrução – dos textos dos filósofos passados são características que podem ser facilmente pensadas em analogia com a postura religiosa que eles dizem querer evitar. Por não poderem discordar de gênios, à força do argumento de autoridade, a atitude iniciática e a não apresentação de objeções são estimulados nas práticas pedagógicas continentais.

Outro ponto muito reforçado pelos professores de práticas continentais é a tese de que os argumentos dos filósofos devem ser vistos como incomensuráveis, dada a sua especificidade histórica, cultural e social e dado todo o contexto da obra de cada um deles. Isso faz com que a filosofia seja estudada

¹ Crises: Matematização das Ciências (Husserl), Esquecimento do Ser (Heidegger), Hegemonia da Racionalidade Instrumental e Dominação da Natureza (Adorno), Crise das Ciências Humanas (Foucault), Crise da Fé na Sociedade Burguesa (Horkheimer).

apenas como um desfile de idéias e teorias. A filosofia continental estuda filosofia da mesma forma como estudamos textos de literatura: as posições e teses filosóficas são tomadas apenas como perspectivas e, conseqüentemente, sem a devida seriedade e sem nunca se perguntar se o argumento utilizado realmente funciona. E do pensamento de que os argumentos dos autores são incomensuráveis, a supressão das objeções a uma tese que se queira defender estaria justificada.

O problema disso é que, se um aluno não aprende a enfrentar objeções e se não tem liberdade intelectual para discussões abertas e sem preconceitos, ele não se tornará apto a enfrentar debates e defender suas teorias contra as objeções que surgirem. A atitude continental inibe o fluxo de idéias e o alargamento do pensamento. E o uso exacerbado do historicismo na filosofia faz com que o aluno de graduação não adquira as capacidades básicas para ser um filósofo, adquirindo, em vez disso, as capacidades de um historiador hermeneuta ou de um psicanalista social.

Além disso, por ser uma prática orientada pelo estudo dos autores (filósofos), e não pelos problemas da filosofia, a prática de ensino de filosofia perpetrada pelos professores de tradição continental desestimula os alunos a tentarem resolver esses problemas, estimulando, ao contrário, uma interpretação de o que disseram os filósofos. O aluno de filosofia é continuamente desestimulado a investigar os problemas filosóficos pela prática historicista. Tipicamente, os trabalhos continentais em filosofia possuem o título "O conceito de X [conceito] em Z [autor]". E isso é exatamente tratar os problemas filosóficos como se fossem obras de literatura historicamente pesquisadas. Se um aluno passa toda a sua graduação em filosofia estudando "O conceito de X [conceito] em Z [autor]", e nenhum problema filosófico (tal como: "qual o sentido da vida?", "o que é um bom governo?", "existem universais?") de fato, ou melhor, se o aluno não é estimulado a pensar nos problemas filosóficos reais, mas apenas nas obras dos filósofos como se fossem *sistemas para serem apreciados*, como ele estaria aprendendo a fazer filosofia?

Outro ponto importante para se trazer à tona é que a posição anti-científica assumida pela tradição continental faz com que tanto os professores quanto os alunos desprezem o trabalho crítico-argumentativo por afirmarem que ele é um trabalho logicista e redutor. Isso tem a consequência, no trabalho acadêmico, de fazer a análise filosófica ser substituída por uma associação de idéias, e de a argumentação rigorosa ser substituída por uma longa citação de autoridades. O desprezo por aprender a utilizar os instrumentos do fazer filosófico, como a lógica e o embate público de teorias, só faz com que os novos filósofos sejam excluídos do debate internacional dos problemas filosóficos, pois esses não sabem reconhecer ou criar bons argumentos.

É essa mesma falta de conhecimento dos instrumentos filosóficos básicos que direciona os continentais a estimularem em seus alunos o sofisticamento da forma, em detrimento do conteúdo, e à escolha de "filósofos-ídolos" para o estudo, em vez de problemas filosóficos interessantes. Eles partem de uma

determinada posição filosófica sobre qual deve ser a prática da filosofia e ajustam a prática pedagógica (o ensino da filosofia) a essa determinada posição, mesmo não tendo respondido às objeções feitas pelos seus pares.

A natureza das práticas pedagógicas e filosóficas geraram críticas e problemas não só para a tradição continental, mas também para a filosofia analítica. Estas críticas normalmente são que a filosofia analítica é cientificista, não dá a devida relevância às ciências humanas, é pouco prática (em detrimento de teórica), é contra o psicologismo, é dogmática, é uma fuga para a linguagem, utiliza apenas o método da análise linguística, é de origem anglo-americana e a favor do liberalismo econômico.

O DUPLO SENTIDO DE FILOSOFIA ANALÍTICA E A FALÁCIA DO EQUÍVOCO:

Essas críticas advêm de um erro lógico muito comum, a *falácia do equívoco*, que é quando uma palavra é usada com dois sentidos diferentes e de modo confuso. Vou explicar. O termo “filosofia analítica” tem dois sentidos, e enquanto as críticas atacam um desses sentidos, a filosofia analítica, da maneira como ela é feita atualmente, corresponde a um outro sentido.

Primeiramente, a expressão “filosofia analítica” era usada apenas para designar uma forma de filosofia advinda da filosofia da linguagem e da lógica de Frege, Russell e Wittgenstein, e seguida por Carnap e pelo Círculo de Viena (estes dois últimos formaram o positivismo lógico). Contudo, “filosofia analítica” atualmente, dentro dos núcleos analíticos, quer dizer outra coisa bem mais abrangente. Este outro sentido pode ser captado ao falarmos dos comprometimentos e práticas que os filósofos analíticos exigem e não exigem de si mesmos.

Eles exigem neutralidade, rigor e clareza das teses e argumentações desenvolvidas pelos seus pares; exigem atitude crítica e profissionalismo para ser possível julgar essas teses e argumentos; exigem que os argumentos e teses pretendam à verdade (ou seja, não devem ser tomados apenas como perspectivas ou interpretações sem relação com a verdade); exigem a explicitação dos mesmos; exigem respostas às objeções para evitar o quietismo; exigem justificações públicas pelos teóricos; e recusam-se a reduzir a filosofia à história da filosofia.

Mas, diferentemente do alvo das críticas, os analíticos não exigem que o filósofo seja de uma determinada nacionalidade; não exigem que argumentos ou teses sejam pressupostos; não exigem que uma posição política ou filosófica específica seja seguida ou defendida (consequentemente, não exigem o cientificismo nem o liberalismo econômico); não exigem um enfoque na linguagem nem o uso do método da análise da linguagem; não são logicistas que esquecem da realidade; e nem têm somente um objeto ou campo de estudo específico, mas adentram todas as áreas da filosofia e as áreas em interdisciplinaridade com as ciências.

A filosofia analítica, tal como é hoje, não pode ser caracterizada pela crítica continental. Estes estão apenas a criticar o positivismo lógico, que dentro da filosofia analítica trata-se há muito tempo de uma tese abandonada. E foi abandonada por outros motivos que não as críticas continentais, a saber, por ela própria não conseguir fazer seu critério para a asserção de sentido servir para si mesma, pois o critério de ser redutível a uma tautologia ou a algo empiricamente observável não é ele mesmo redutível a uma tautologia e nem é empiricamente observável. O ponto aqui é que as críticas da tradição continental, por criticarem outra coisa que não a filosofia analítica atual e direcionarem suas críticas à filosofia analítica contemporânea, caem na falácia do equívoco.

Mas então o que é a filosofia analítica?

AS PRÁTICAS FILOSÓFICA E PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA ANALÍTICA COMO O FAZER FILOSÓFICO POR EXCELÊNCIA:

Sobre as práticas e comprometimentos da filosofia analítica, não há nada que tenha que ser irracionalmente pressuposto. A filosofia analítica é animada pelo desejo de compreender, explicar e discutir as coisas, sem que tenha que ser aceita nenhuma tese que não tenha as devidas justificações. Em sua prática filosófica, o debate aberto e a honestidade intelectual (de admitir o erro) são amplamente estimulados. Eles são uma forma de fazer o pensamento passar pela crítica pública dos outros profissionais na área, o que ajuda a sofisticar a teoria e eliminar os erros.

Tanto como a prática filosófica continental influi em sua prática pedagógica, a prática filosófica analítica influi no método de ensinar filosofia usado pelos professores analíticos. Geralmente, a prática pedagógica analítica é orientada por problemas filosóficos, diferentemente da prática continental, que é orientada por autores. Além disso, ela incita a liberdade de discussão racional e a apresentação de objeções; o que promove a inovação, a criatividade, a descoberta e a sofisticação das teorias, e denigre a atitude iniciática e o dogmatismo.

Na prática pedagógica analítica os estudantes também são apresentados e treinados nos instrumentos utilizados na prática filosófica. Esses instrumentos são antes técnicas que ajudam a pensar, compreender e afirmar de modo mais claro e rigoroso os problemas e as respostas para os problemas filosóficos levantados, do que técnicas de interpretação histórica ou de psicologia social. Até certo ponto, os mesmos autores caros à filosofia continental são ensinados, mas são ensinados em função dos problemas que abordam e da forma que abordam, sendo vistos de maneira crítica e apenas instrumentalmente em função de sua ajuda para a compreensão do problema a ser tratado ou das formas de resposta já utilizadas.

O que importa é entender quais foram os problemas, como foram as formas de tentar solucioná-los e quais foram os métodos que se desenvolveram

para ajudar nesse trabalho. O estímulo é para que o aluno possa, ao sair da graduação (e inclusive na graduação), estar apto a exercer as mesmas práticas realizadas pelos filósofos que estudou. Todavia, isso não deve ser confundido com um treinamento de sofística, pois a filosofia analítica tem a característica de estar voltada à verdade, ou seja, de os filósofos analíticos estarem voltados a querer saber se as diversas teses que afirmam são verdadeiras ou falsas – o que não é uma característica da tradição continental.

E, interessantemente, era essa característica que, na Grécia Antiga, separava Sofistas de Filósofos, o que mostra que, pelos menos segundo a concepção dos criadores da Filosofia, os filósofos analíticos não poderiam ser sofistas. Mas os gregos não vêm tanto ao caso, o que vem ao caso é saber quais são as práticas que todos os filósofos realizaram em comum, para sabermos qual são as práticas distintivas da filosofia como tal.

Acredito que seja incontroverso que todos os filósofos, ao fazerem filosofia, argumentaram a favor e contra teses sobre diversas questões que exigiam respostas argumentativas. Então, penso que uma prática distintiva da filosofia, qualquer que seja ela, é que ela tenta argumentativamente resolver problemas que só podem ser resolvidos de modo argumentativo. Assim, ela é essencialmente uma prática de explicação, justificação. Isso porque se ela fosse uma prática de explicação sem justificação, ela não seria diferente de uma conversa que sabemos que não é filosófica; se ela fosse apenas a prática da justificação sem a devida explicação, seria uma prática incompreensível; e se ela fosse, como o querem os continentais, uma prática apenas de interpretação, não seríamos diferentes de algum tipo de psicologia social ou de história hermenêutica (a não ser pela falta de comprometimento com a verdade asserida pela filosofia continental). Então, tendo aceitado que a filosofia é a tentativa de responder questões que só podem ser respondidas argumentativamente, seguem-se da justificação a crítica e a correção, para que enveredemos novamente no processo de explicação e justificação, até que não haja mais críticas.

Se então aceitamos que é essencial para a filosofia a explicação, a justificação, a crítica e a correção, temos que aceitar que também é essencial que haja o debate, pois uma tese só é considerada explicada e justificada frente às suas objeções. O debate é o ponto fundamental que coloca as diversas posições filosóficas em contato e que permite que cada filósofo tente provar que sua teoria é verdadeira, frente às teorias opositoras, que são consideradas falsas. E teremos que considerar como implicado que os debatedores, se procuram pela verdadeira resposta de um problema (e não apenas por influenciar um ao outro), exigirão a clareza e o rigor necessários. É como se dois pesquisadores estivessem investigando juntos qual de duas teses há mais razão para aceitar. Eles não querem ganhar a discussão, eles querem saber a verdade.

O que quero provar com toda essa conversa sobre a natureza da filosofia é que o que conhecemos com o nome de filosofia analítica é simplesmente o

fazer filosófico e o que conhecemos sob o nome de filosofia continental é um tipo de escola de pensamentos baseada em uma série de pressuposições questionáveis e que se recusa sistematicamente a passar pelo processo de debate rigoroso. Tanto a prática filosófica analítica quanto a prática pedagógica analítica utilizam a seriedade na discussão, o debate racional livre, o rigor e a clareza dos argumentos e das teses na tentativa de responder às questões filosóficas ou na tentativa de estimular o aprendizado sobre as estruturas racionais utilizadas nessas respostas. E isso seria justamente o que é fazer ou ensinar filosofia.

CONCLUSÃO:

O que fiz foi aqui, resumidamente, o seguinte: mostrei que, na base da visão dos continentais, está a tese do niilismo com relação ao conhecimento, o que os faz quererem reduzir a filosofia à disciplina da boa vida social. Fazem isso transformando-a num processo de crítica das práticas sociais para a emancipação do homem, através de uma reconstrução hermenêutica dos fatos históricos (ou da história da filosofia), que não pretende chegar à verdade. Essas práticas filosóficas foram mostradas como influenciando as práticas pedagógicas continentais, formando um perfil de aluno e profissional, a saber, alguém que não tem conhecimento dos instrumentos de investigação utilizados na filosofia, que pretende uma maior sofisticação da forma do que do conteúdo, que não pretende chegar à verdade, e que se dedica prioritariamente a técnicas de interpretação, tradução e comentários.

Daí, mostrei que a tradição continental tinha críticas tanto às práticas filosóficas analíticas quanto às práticas pedagógicas analíticas. Indiquei quais foram essas críticas e que elas caíam na falácia do equívoco por se direcionarem a problemas da filosofia do positivismo lógico. Depois, indiquei que a filosofia analítica atual não deveria ser entendida como uma escola de pensamento, pois ele não exige que nenhuma tese seja defendida, não possui método característico de fazer filosofia e nem reduz a filosofia a qualquer outra coisa. Exige somente que as práticas filosóficas estejam voltadas à verdade, que os filósofos sejam claros, explícitos, rigorosos e com o máximo de neutralidade em suas teses e argumentos, e que eles estejam abertos à discussão racional e a responder as objeções. Isso também tem efeitos sobre a prática pedagógica desenvolvida pela filosofia analítica. Os filósofos formados por ela adquirem as capacidades de: pensar claramente; de defender teses de modo que outros as possam entender e fazer objeções, de serem claros, explícitos, rigorosos em suas argumentações e objeções; de utilizar instrumentos que ajudam na argumentação; e de participar de debates sobre os problemas da filosofia.

Partindo, então, das práticas analíticas filosófica e pedagógica, percebemos que elas são congruentes com o que tomamos como a natureza da

filosofia, ou melhor, que tomamos como as características essenciais da prática filosófica. Daí, concluí que, se quisermos ensinar os estudantes de filosofia a realizar as mesmas práticas que os filósofos realizam, não podemos orientar a prática pedagógica por uma concepção particular de o que deve ser a filosofia. Devemos orientá-la para capacitar o estudante à prática filosófica, como o faz a filosofia analítica, ou melhor, como o faz a filosofia.

Agradecimento: Agradeço ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, à FAPEMIG, ao meu orientador prof. Dr. Mário Nogueira de Oliveira, aos professores Dr. Sérgio Miranda e Desidério Murcho, ao colega na filosofia Necésio Pereira da Silva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLACKBURN, Simon (1998). Como é a Filosofia Analítica Possível? In: *Disputatio*: n. 4; tr. Desidério Murcho.

CRITCHKEY, Simon (2001). *Continental Philosophy: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press.

FONSECA, João. De que falamos quando falamos de filosofia analítica? *Revista do Instituto de Filosofia da Linguagem da UNL*. Encontrado no dia 25 de agosto de 2008 e no sítio: http://www1.ci.uc.pt/pessoal/jalesribeiro/livro_para_compreender.htm

MURCHO, Desidério (2004). O Futuro da Filosofia. *Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas*, n. 1.

PETTIT, Philip (2004). Existencialism, Quietism, and the Role of Philosophy. In: *The Future for Philosophy*. LEITER, Brian (ed). New York: Oxford University Press.

RECANATI, F. (1993). Pela Filosofia Analítica. *Critica*: n. 10; tr. Fernando Martinho.

